

ALTO RISCO: Nos cálculos da OIT, para cada morte, há 750 mil acidentes não fatais

Obras do PAC não têm controle específico para segurança

Há fiscalização de gastos e emissão de licenças, mas falta na área trabalhista

Henrique Gomes Batista,
Cássia Almeida e Leticia Nins

• RIO, ITABORAÍ (RJ) e RECIFE. Nos cálculos da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para cada morte durante atividade profissional, há de 750 a mil acidentes não fatais. Os projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), por sua importância, fizeram o governo criar um sistema especial de acompanhamento orçamentário das obras e uma nova forma mais rápida para obter licenças ambientais. Até o Tribunal de Contas da União (TCU) criou um esquema exclusivo para fiscalizar os investimentos. Mas, na questão trabalhista, não há nenhum monitoramento específico das obras do PAC.

E, embora o governo faça a cada quatro meses uma detalhada radiografia das obras do programa, com ampla divulgação para seus dados financeiros, problemas e avanços, não há nestes balanços sequer citação às questões trabalhistas. O governo divulga o volume de investimentos, o estágio de cada obra e os principais entraves. Porém, não sabe informar quantos trabalhadores hoje atuam no PAC.

Coordenador do PAC, o Ministério do Planejamento afirmou em nota que a responsabilidade sobre as informações a respeito de acidentes de trabalho e mortes nas obras do programa são de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE):

“O governo federal possui uma estrutura de fiscalização com o objetivo de verificar o cumprimento, por parte das empresas, da legislação de proteção ao trabalhador (...) cuja responsabilidade é do Ministério do Trabalho através das Delegacias Regionais do Trabalho — DRTs. Apesar desta fiscalização abranger todas as obras do território nacional, o MTE criou um Grupo Especial de Fiscalização de Grandes Obras de Infraestrutura que atua principalmente em obras do PAC”.

Cinco mortes em obras da Petrobras no PAC

Entretanto, o Ministério do Trabalho não confirma essa informação. Procurada pelo GLOBO, a pasta informou, por meio de sua assessoria, que “o Ministério do Trabalho e Emprego fiscaliza as obras da construção civil, sendo que não há um corte específico para o PAC”.

Em Itaboraí, a construção do bilionário Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) ainda está em fase inicial, na terraplanagem, mas já contabiliza uma morte em seus registros. Marcos Vinicius Pereira da Silva, de 38 anos, foi imprensado contra uma pilastra por uma retroescavadeira em setembro do ano passado. Esta é apenas uma das cinco mortes que ocorreram entre 2009 e 2010 em projetos da Petrobras que integram o PAC.

A morte nesta obra — orçada em R\$ 19,3 bilhões, com previsão de durar até 2017 e que empregará 25 mil trabalhadores no auge da construção, quatro vezes mais que os seis mil atuais — marcou a cidade de Itaboraí, que anseia viver um boom econômico com o complexo, que vai processar mais de 330 mil barris de petróleo por dia quando estiver finalizado. No município de 300 mil habitantes, todos se lembram do caso. O trauma maior é, claro, para a viúva de Marcos, que evita falar sobre o assunto e ainda sofre para explicar para sua pequena filha a ausência do



VISTA AÉREA das obras do Comperj: um operário morreu imprensado contra uma pilastra por uma retroescavadeira na terraplanagem

Jarbas Oliveira



OPERÁRIOS TRABALHAM nas obras subterrâneas do metrô de Fortaleza: duas mortes no projeto em 2010

pai. Funcionário de uma empresa que prestava serviço à empreiteira contratada pela Petrobras, a família do operário recebeu apoio financeiro, como seguro e custos do enterro, mas a advogada da viúva ainda estuda a melhor maneira de pedir a pensão.

O caso de Marcos é mais um dos que está elevando o número de mortes em terraplanagem no país — obra considerada relativamente simples. Segundo dados oficiais do Ministério da Previdência, a taxa de mortalidade durante a terraplanagem, calculada para grupos de 100 mil trabalhadores, passou de 15,27 em 2007 para 36,15 em 2009.

Estatual diz que há fiscalização mensal

Perguntada sobre esta morte e quatro outras registradas em suas obras — uma na ampliação da refinaria Presidente Vargas, uma na construção da refinaria de Abreu Lima e duas no petroleiro João Cândido — a Petrobras se limitou a dizer, em nota, que tem como política enfatizar, com as empresas de que contrata serviços, “o cumprimento de exigências contidas no Anexo Contratual de Segurança, Meio Ambiente e Saúde.” A empresa indica ainda que isso é fiscalizado mensalmente.

Apesar disso, a estatal, mesmo sendo procurada pelo GLOBO há mais de uma semana, não soube dar informações como, por exemplo, o número de empregados trabalhando em cada uma destas grandes obras ou a quantidade de acidentados e mortos. A empresa chegou a afirmar, na sexta-feira, que os responsáveis por essas

informações eram os consórcios de empreiteiras — que muitas vezes terceirizam ou até quarteirizam partes relevantes das obras a outras empresas menores.

Explosão mata três em obra no Rio São Francisco

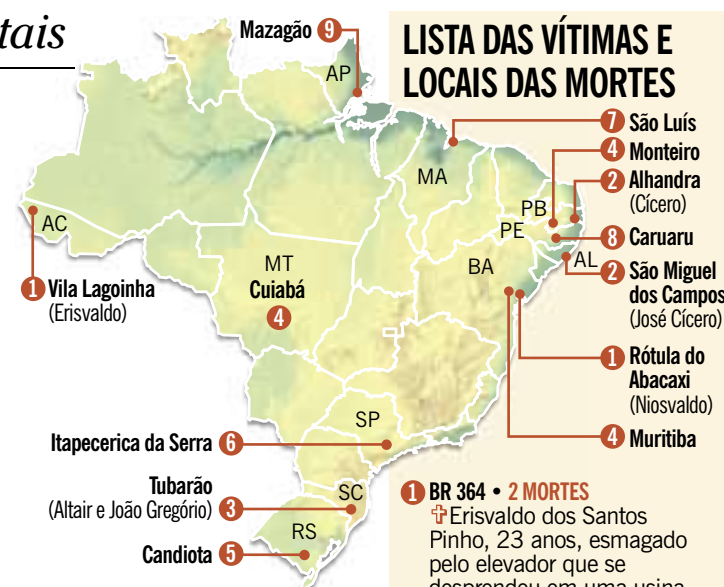
Em Pernambuco, uma explosão no canteiro de obras da transposição do Rio São Francisco deixou três mortos e dez feridos em dezembro. O trecho da obra está sob responsabilidade do Consórcio Coesa/Barbosa Melo/Galvão/OAS. Segundo o delegado Leonardo da Mata Gama, responsável pelo inquérito que apura o acidente em Sertânia, a 390 quilômetros de Recife, como os trabalhadores entraram em recesso de fim de ano, e a orientação era para que não ficasse nenhum material estocado, o gerente de produção determinou que fosse usado todo o explosivo. Ele indiciou por homicídio culposo e lesões corporais culposas o gerente de produção, um encarregado e um perito da obra.

— Eles resolveram detonar tudo logo, destinando a carga extra em uma segunda explosão no mesmo dia. Na segunda, houve retardo da sobra, e normas de segurança não foram respeitadas. Foi uma sucessão de atos culposos, muita negligência — disse.

Segundo o policial, foram detonadas pelo menos 1.500 bananas de dinamite sem as precauções devidas. ■

O GLOBO NA INTERNET

► Visite o ambiente multimídia com mais informações, fotos e vídeos sobre as mortes no PAC
www.oglobo.com.br/economia



Marcos Tristão

1 BR 364 • 2 MORTES
✚ Erisvaldo dos Santos Pinho, 23 anos, esmagado pelo elevador que se desprendeu em uma usina de asfalto, em 31 de dezembro de 2010
✚ Niosvaldo Santos Silva, em 26 de maio de 2010

2 BR 101 NORDESTE • 2 MORTES
✚ Cícero Elia da Silva, 47 anos, na desmontagem de um andaime, na Paraíba, em 26 de dezembro de 2008
✚ José Cícero dos Santos, 34 anos, esmagado por uma máquina que triturava pedras, em 24 de janeiro de 2011, em Alagoas

3 BR 101 SUL • 2 MORTES
✚ Altair Alves Andrade, 36 anos, atingido por uma pedra, numa detonação de rocha, em 19 de junho de 2008 em Santa Catarina
✚ João Gregório Batista Neto, 49 anos, atropelado por rolo compressor, em Santa Catarina, em 25 de julho de 2009

4 SANEAMENTO • 4 MORTES
EM CUIABÁ (MT)
✚ Sidnei Gonçalves da Silva, em 5 de agosto de 2009, nas escavações para obras de saneamento
✚ José Roberto Fernandes Magalhães, morto no mesmo acidente

EM MURITIBA (BA)
✚ Francisco Nunes de Oliveira, em 29 de janeiro de 2009, soterrado nas escavações para obra de saneamento

EM MONTEIRO (PB)
✚ Sebastião Duarte da Silva, 34 anos, atingido numa explosão em um compressor de ar

5 USINA TERMELÉTRICA DE CANDIOTA • 2 MORTES
✚ Alan Padoin Alves, 21 anos, morto em 6 de agosto de 2009, depois que uma tábua o atingiu na cabeça
✚ Junio Paulo Ferreira, 48 anos, em 15 de outubro de 2009, esmagado por tubos

6 RODOANEL • 1 MORTE
✚ José Carlos Pereira de Jesus, 23 anos, imprensado numa máquina cimenteira

7 MINHA CASA, MINHA VIDA • 2 MORTES
✚ José de Ribamar Sousa Santos
✚ Douglas Jackson Nogueira, Mortos depois de receberem descarga elétrica em fevereiro de 2011, em São Luís

8 BR 104/PE • 1 MORTE
✚ Marcílio Pereira Ordonio morreu em 26 de janeiro de 2008 após receber uma descarga elétrica

9 PONTE DO RIO VILA NOVA (AP) • 4 MORTES
✚ Leudivan Cesário Bento, 25 anos
✚ José Carlos de Oliveira Baltazar, 25 anos
✚ Paulo Cesar dos Santos Oliveira, 39 anos
✚ Miguel Ferreira, 57 anos, mortos no mesmo acidente quando duas vigas de concreto caíram sobre os trabalhadores em 20 de março de 2010

“

Eles resolveram detonar tudo logo, com uma segunda explosão no mesmo dia. As normas de segurança não foram respeitadas. Foi uma sucessão de atos culposos, muita negligência

Leonardo da Mata Gama, delegado responsável por inquérito em obra no Rio São Francisco

Simone Marinho



INSTALAÇÕES DA usina de Jirau destruídas após rebelião dos trabalhadores

CORPO A CORPO

LETICIA NOBRE

‘É um número impressionante’

• Doutora em Saúde Pública e diretora de Vigilância e Atenção à Saúde do Trabalhador da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia, Leticia Nobre considera “impressionante”, as 40 mortes em 21 obras do PAC. Diz que, assim como há controle dos danos ambientais das obras, governo e empresas deveriam ter amarrado um controle da segurança no trabalho.

Cássia Almeida

O GLOBO: São 40 mortes em 21 obras. Esses projetos, sendo contratados pelo governo, não deveriam ter um controle maior nas questões de segurança no trabalho?

LETICIA NOBRE: É um número impressionante. As obras do PAC estão reproduzindo o que já existe na construção civil. Mas, como há um controle ambiental, deveria ter sido amarrada uma preocupação maior com a segurança. A capacidade de ação de Ministério do Trabalho e do SUS não é muito grande. Sempre se espera que alguém morra na construção civil. Mas não é para morrer. Deveria haver uma preo-

cupação muitíssimo maior com saúde.

• São obras tocadas por grandes empreiteiras. Não deveria ter um grau de segurança maior?

LETICIA: Seria de esperar que sim. Têm mais condições e os números deveriam ser menores. Mas há a subcontratação, a terceirização e a quarteirização, que diminuem a segurança.

• O que o governo deveria fazer?

LETICIA: São obras complexas, e é difícil fazer a gestão de segurança e saúde. Além das mortes, há os acidentes não fatais. Deveria haver um comitê gestor para esses contratos. É um problema de saúde pública que não desmerece a importância do PAC. O país terá um avanço maior com as obras de infraestrutura e de saneamento. Isso vai fazer a maior diferença na saúde da população. Mas é preciso que haja responsabilidade dos órgãos públicos e das empresas privadas que estão executando essas obras.